

MÉTODO PARA MEDIR, TRANSPORTAR E ALINHAR TERRITÓRIOS: Potencialidades de arte em objetos e ações ordinárias.

PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA¹;
EDUARDA GONÇALVES AZEVEDO²; FELIPE MERKER CASTELLANI ³

¹Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com (orientador)

³Universidade Federal de Pelotas - felipemerkercastellani@gmail.com (coorientador)

1. INTRODUÇÃO

Neste resumo versarei sobre o projeto de pesquisa que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel, na linha *processos de criação e poéticas do cotidiano*. Esta pesquisa surge de um olhar e reflexão acerca de objetos e ações utilizados na zona rural do município de Piratini-RS, para auxiliar a plantar ou que funcionam como: tapumes, escoras, amarrações etc. Objetos e invenções que se caracterizam por serem *infra-ordinárias*¹, banais, para as quais as pessoas tendem a não olhar. Me interessa pensar a retórica presente nestes objetos, o contexto no qual eles são inventados e as ações que estes indicam. Cultivar, erigir, sustentar, amarrar. O fato deles serem produzidos pensando numa determinada situação, ou contexto, onde muitas vezes o improvisado é o principal método empregado, me faz enxergar neles uma aproximação com o campo da arte e um desvio da lógica de produção de um objeto capitalista. Me interessa a partir dos meus procedimentos redirecionar o olhar para estes objetos e invenções ordinárias e rerepresentá-los num outro contexto que é o da arte. Assim, ressalto que disserto aqui pelo viés da arte, ou seja, dou enfoque para os aspectos estéticos e processuais que fazem estas ações e objetos se aproximarem de procedimentos artísticos. Outro objetivo desta pesquisa é o desenvolvimento de métodos e formas para abordar contextos diversos, através da realização de residências artísticas.

Desta maneira, meu olhar para o cotidiano se dá de modo semelhante a artistas como: Allan Kaprow, Robert Smithson, Hélio Oiticica que enxergam na vida, no cotidiano as mais diversas potencialidades de processos de arte. Trago para dar aporte teórico a pesquisa, referenciais como: Francesco Careri, Paola Berenstein, Ricardo Basbaum, entre outros.

2. METODOLOGIA

No primeiro momento da pesquisa está sendo feito um levantamento, dos tipos de objetos e ações encontradas em meio ao cotidiano da zona rural de Piratini, cidade que se localiza ao sul do Rio Grande do Sul, em específico num sítio de minha família, onde foco principalmente sobre as ações e objetos que meu pai desenvolve. O processo da pesquisa é constituído por: caminhar pelo espaço, observar o entorno e coletar subsídios como: fotografias, desenhos, materiais, que irão constituir um acervo ou documentos de trabalho² que funcionarão como motivos para o desenvolvimento de minha produção e pesquisa em arte.

¹ Faço uso do conceito de George Perec para classificar estes objetos e ações.

² Metodologia de criação em arte proposta por Flávio Gonçalves.

O caminhar é uma das bases da metodologia, até por que, é por meio dele que exploro o espaço ao meu redor, a cidade e o campo: Francesco Careri, ao discorrer sobre o ato de caminhar nos fala que, uma vez satisfeita as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite e modifique mundo”. Ainda Segundo Francesco Careri, “o caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território”. (CARERI, 2013, p. 27).

Para compreender melhor meu método trago a abordagem de Robert Smithson à *Passaic, New Jersey* em 1967 onde o artista realizou expedições a terrenos baldios e canteiros de obras nos quais elencou objetos e arquiteturas em desuso como monumentos, nos quais via potencialidades de arte. Outras noções de Smithson são de *Site* e *Non-site*. O *Site*, seria o local da experiência, onde o artista é afetado. Destes colhe recursos para apresentá-los num espaço de arte, galerias, através de dispositivos chamados de *Non-sites*, que podem ser compreendidos como resíduos que direcionam os espectadores para o espaço real da experiência de arte. Esses são constituídos por fotografias, mapas, textos articulados com materiais coletados da paisagem. Segundo Fernanda Junqueira, Smithson desenvolve estes conceitos para “explicitar esse campo de convergência formado pela bipolaridade mente e matéria, arte e realidade” o “*Non-site*” reconduz por sua vez à experiência dialética do lugar – “*Site*”. Assim, “convoca o sujeito a reexperimentar a imensidão de suas possibilidades espaciais” (1996, p.551).

Outro artista, que aproxima arte do cotidiano é Allan Kaprow, e que na tentativa de escapar do que ele chama de “armadilhas que a arte prepara” (Kaprow, 1971) atenta para ações banais com o intuito de desenvolver trabalhos que visam se desviar do sistema da arte, propor experiências outras, que ele nomeava de *não-arte*. Assim, propõe as *atividades (activities)* na década de 1970, onde o foco central é *perceber a vida*, construí-la, estar atento a ela e a suas delicadezas”. (NARDIM, 2011, p 108). Diferentemente de Kaprow, estou pensando além da experiência, em dados estéticos, e uma proximidade com a arte que ele procurava negar.

O desenhar e o caminhar são meios norteadores dos meus procedimentos nesta pesquisa e funcionam como modos de compreender e atuar no espaço. Penso a partir de Smithson e de Kaprow maneiras de olhar e dar a ver os objetos e lugares por mim investigados em contextos variados. Percebo nestes artistas uma genealogia do meu olhar e raciocínio criativo que se volta para o cotidiano com o intuito de pensar uma produção de arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos objetos que tem incidido em minha produção é uma estaca utilizada para delimitar carreiros para a plantação de milho e feijão. Ela é feita a partir de restos de materiais e cordas, que são misturados e articulados ao acaso. Observo que ela se relaciona com o ato desenhar através da ação de desenrolar a linha e move-la pela paisagem criando o desenho dos canteiros. Há um corpo quase performático neste fazer, que atua sobre a paisagem esticando a linha ficando a estaca no chão, delimitando espaços. Após notar estas características de performatividade e de desenho, comecei a confeccionar objetos que podem disparar ações que envolvem o corpo (ou não) e se configuram como formas de (re)apresentar e ressignificar ações e objetos ordinários encontrados nos caminhares diários. Estes objetos surgiram a partir da síntese formal dos

referenciais coletados, onde é levado em consideração a ação ou retórica por estes apresentada. Aponto como exemplo a série *Marco – Métodos para medir e alinhar territórios*.



Figura 1. Pedro Elias Parente, Marco 1. Método para medir e alinhar territórios. 2019.
Figura 2. Pedro Elias Parente, Marco 2. Método para medir e alinhar territórios. 2019.
Fonte: o autor.

No caso do Marco 1 (Fig.1) busquei reconstituir o objeto utilizado por meu pai fielmente, tendo em vista que o original se perdera. Porém, nos demais desdobramentos não me interessei por mimetizá-lo, mas por recriá-lo, acentuar algumas funções e retirar outras, reiterar suas proximidades com o desenho e com o corpo (Fig.2). Diferente de Smithson e de outros artistas que trazem os lugares explorados para um espaço expositivo por meio de materiais coletados, meu processo está mais ligado à captação da ideia, da reflexão acerca da construção ou o uso a que estes se destinam.

Desta maneira, numa primeira tentativa de desvendar o processo que envolve a construção desses objetos, encontro o conceito de “bricolagem” de Levi-Strauss que é utilizado por Paola Berenstein para dar a ver o processo de erguimento dos barracos das favelas. Segundo a autora, essas são concebidas “sem projeto, ao acaso, com a coleta de materiais que se apresentam ao redor dos moradores”. E, “são esses fragmentos de cidade, restos de materiais o ponto de partida e o que determina a configuração final destas construções” (2001, p.24) Esse modo construtivo influencia a obra de Hélio Oiticica, que realiza em *tropicália*, uma cartografia dos modos de se mover no espaço da favela. O *bricoleur*, segundo a autora é um sujeito que se situa entre a arte e a engenharia, que possui um saber que é constituído por sua relação com os materiais e o mundo (BERENSTEIN, 2001). Assim, esses objetos e tecnologias rurais criadas por meu pai podem ser identificadas como bricolagens, deste modo nomeio o seu feitor como um *bricoleur rural*. Destaco que não me interessei em copiar este processo, mas em entender o raciocínio presente nele e a forma que isto constitui uma retórica do contexto e dos objetos.

Ressalto minha relação afetiva, já que trabalhei com alguns deles na adolescência, ajudando meu pai a plantar e a colher. Porém o contexto no qual ele cria é diferente do meu, sua subjetividade diferente da minha. Assim, há um tensionamento entre arte e vida em minha pesquisa. Ricardo Basbaum ao discorrer sobre o tensionamento dos termos arte e vida, fala a partir das proposições de Allan Kaprow...

(...) o quanto é decisiva uma articulação rigorosa dos dois termos e o quanto nem a arte e nem a vida devem permanecer as mesmas a partir das experiências que realizam. Há um desejo efetivo de transformação de um e de outro campo. (BASBAUM, 2017, p. 241)

em determinado momento o termo *arte* segundo Basbaum, passou a ser um equivalente a *artevida*. Para não neutralizar os termos e os contextos dos campos, o artista/pesquisador propõe flexionar os termos no plural, para “artes/vidas” (2017, p.242). Assim, leva-se em conta as individualidades presentes nos processos de cada um. Vejo potência e arte nos processos de meu pai. Porém compreendo que seu contexto é outro e sua intenção também. Suas invenções saltam ao meu olhar de artista e pesquisador, como uma forma de abordar e viver o mundo.

Pensar as diferenças entre lugares, zona rural e cidade, entre arte e vida, despertou o interesse em desenvolver um método para aplicar em contextos diversos. Deste modo, este projeto que se encontra na fase inicial visa o desenvolvimento de um método para o desencadeamento de olhares, situações/ações e objetos em outros contextos.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa acerca de elementos encontrados na paisagem sulina e que podem ser disparadores de procedimentos artísticos, se mostra importante pois esmiúça e se debruça sobre aspectos do cotidiano da região sul do Rio Grande do Sul e os relaciona e contextualiza com o campo da arte, ampliando a visibilidade em torno de certas características da vida do homem do campo, bem como serve para uma produção de arte. Saliento que ela se encontra em fase inicial, mas ela não visa focar apenas no contexto supracitado, mas sim se ampliar e versar sobre diferentes contextos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

CARERI, Francesco; **Walkscapes: O caminhar como prática estética/** Francesco Careri; prefácio de Paola Berenstein Jacques; [tradução Frederico Bonaldo]. – I. ed. – São Paulo: Editora G. Gill, 2013. p.188

JAQUES, Paola Berenstein. **A Estética da Ginga**. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica/ Paola Berenstein Jaques, – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001, pág. 160.

Artigo

BASBAU, Richardo; **Artes Vidas** – Poiésis, Niteroi, V.8 N.29, p.235-256, Jan – Jun. 2017

JUNQUEIRA, Fernanda. **Sobre o conceito de instalação**. Gávea, Revista de História da Arte e Arquitetura. RJ, v.14 set.1996.

KAPROW, Allan; **A educação do a-artista**. Malasartes, nº3 – abril, maio, junho. Rio de Janeiro, 1976

NARDIM, Thaise; **As atividades de Allan Kaprow**: Antes de agir basta viver. Revista-Valise, Porto Alegre, v.1 n.1, julho de 2011

SMITHSON, Robert; **Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey**. Publicado originalmente em Artforum, dezembro 1967: trad. Agnaldo Farias in. Espaço & debates v.23 São Paulo, NERU, 2003, p.121 -129.